

Expectativa adia planejamento de empresas

■ Perspectiva imediata de mudanças econômicas anunciadas pelo governo faz administradores trabalharem só no curto prazo

Brasília — Josemar Gonçalves

NILTON HORITA

SÃO PAULO — O aumento da atividade econômica ainda não foi suficiente para as empresas começarem a planejar investimento de longo prazo. Motivo: o anúncio antecipado de um novo e ainda misterioso conjunto de medidas na área econômica pelo próprio governo. Por causa dessa falta de previsibilidade, a grande maioria das empresas decidiu organizar seus orçamentos de trabalho com um validade de apenas três meses. "Por não sentirmos uma linha definida do governo, estamos com problemas de saber com exatidão com que números trabalhar", afirma Tomas Zinner, presidente do Unibanco.

A decisão das empresas em preparar orçamentos por três meses nasceu da idéia da Freios Varga, que desde o ano passado decidiu seguir essa experiência. Somente em 1992, a Varga refez seu orçamento nove vezes. "Não temos uma previsão de orçamento segura, pois novas variáveis podem surgir de um momento para o outro. Quando há intenção de uma nova política econômica, cria-se um ambiente de incertezas", explica Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar Serviços Financeiros. "A opção dos conselhos de administração fica

sendo a de procurar o caminho defensivo, sem riscos."

Ou seja, procura-se investir quase nada, não contratar mão-de-obra mesmo em épocas de recuperação econômica como agora e produzir apenas quando aparece pedido. Exemplo disso é a Valisére, do grupo Rosset. Desde novembro a empresa vem sentido crescimento de demanda, mas seu controlador, Ivo Rosset, apenas na virada do ano decidiu pela instituição de horas extras.

Sem cenário — "Os agentes ficam excitados e a imprevisibilidade tende a atrapalhar até os negócios do dia-a-dia quanto mais perto ficarmos do anúncio das medidas. A economia continua motivada, mas ficamos na dependência de que tipo de política o governo vai adotar."

Segundo o deputado Delfim Netto (PDS-SP), o presidente Itamar Franco disse que tinha estudos para combater a inflação, depois confirmados pelo ministro da Fazenda, Paulo Haddad. "Ele (o presidente) induziu a sociedade a acreditar que haveria novo pacote e fica difícil convencer as pessoas do contrário depois", afirma.



Haddad: resultados só depois do plano de estabilização econômica